

Xavier Dolan
dirige seu olhar a
novos cineastas



PÁGINA 3

A visão de Moacyr
de Góes sobre a
figura de Cristo



PÁGINA 5

Carolina Maria de
Jesus e o conceito
da escrita visceral



PÁGINA 6

2º CADERNO

A hora de um clássico



Com nenhuma vivência nas telas, a jovem **Marcélia Catarxo** brilhou no papel da sonhadora **Macabéa**, arrancando premiações

‘A Hora da Estrela’, filme que adapta obra de Clarice Lispector, volta restaurado aos cinemas

Naief Haddad (Folhapress)

Quando começou a filmar “A Hora da Estrela”, em 1984, a cineasta Suzana Amaral já tinha uma história e tanto. Com pouco mais de 50 anos, ela havia dado à luz nove vezes, cursado cinema na Universidade de São Paulo, feito especialização na Universidade de Nova York e realizado documentários para a TV Cultura, entre muitas outras coisas.

Em meio aos planos para rodar seu primeiro longa-metragem, baseado no romance de Clarice Lispector, Amaral assistiu a uma peça chamada “Beijo de Estrada”. Apresentado por um grupo de Cajazeiras, cidade do sertão da Paraíba, o espetáculo passava por São Paulo para uma curta temporada.

A cineasta viu a peça uma, duas, três vezes. Ficou fascinada com o elenco e, já àquela altura, sondou a jovem atriz **Marcélia Cartaxo** para interpretar **Macabéa**, a protagonista de “A Hora da Estrela”, filme que volta agora aos cinemas, em cópia restaurada.

“Na época, eram comuns os questionamentos em relação aos atores que vinham do teatro para fazer cinema porque tinham gestos largos, eram exagerados. A Suzana ficou impressionada com meu trabalho contido no palco”, lembra Cartaxo.

Naquele momento, no entanto, não havia orçamento suficiente para produzir o filme. A atriz voltou para a Paraíba e, nos oito meses seguintes, recebeu oito cartas de Amaral em que a diretora falava sobre a personagem de Lispector.

Continua na página seguinte

Suzana Amaral, que morreu em 2020, acumulava as mais variadas experiências na vida e na arte; Marcélia Cartaxo, por outro lado, era uma atriz de 20 e poucos anos, com escassa vivência fora de Cajazeiras. Esse contraste agradava à diretora paulistana, que buscava justamente a imaturidade de alguém que nunca tinha feito cinema.

Elas conversaram muito nos meses de pré-produção, mas as orientações foram mínimas quando as filmagens começaram. “A Suzana não queria que eu soubesse como me comportar diante das câmeras. Eu tinha dúvidas, e ninguém me dizia para olhar para um lado ou para outro. Ela pediu que eu atuasse como fazia no teatro”, conta a atriz. “Só aprendi a lidar com a câmera anos depois”.

Deu certo o método de atuação, ou justamente a aversão a métodos consagrados. A datilógrafa nordestina Macabéa – “a única coisa que queria era viver. Não sabia para quê, não se indagava” – ganhou as feições e os movimentos de Cartaxo.

O primeiro longa-metragem de Suzana Amaral conquistou dez prêmios no Festival de Brasília de 1985, entre os quais de melhor filme e atriz. Em fevereiro do ano seguinte, o Festival de Berlim deu a Cartaxo o Urso de Prata de melhor atriz.

“A Hora da Estrela” foi um acontecimento gigantesco na minha vida. Definiu minha carreira, meus sonhos”, diz a atriz. Mas o cinema e a TV nem de longe sentiram o mesmo impacto: nos anos seguintes, Cartaxo recebeu uma sequência de convites para viver empregadas domésticas com participações muito secundárias.

Nada contra interpretar domésticas, ela ressalta. O problema é ser chamada só para esse tipo de papel, com personagens praticamente sem história.

Uma nova reviravolta na carreira dela se deu com “Madame Satã”, filme de 2002 dirigido por Karim Ainouz. Fez o papel da prostituta Laurita e, mais uma vez, acumulou uma penca de prêmios.

Desde então, tem sido convidada para papéis mais elaborados no cinema. Na TV, atuou na primeira temporada da série “Canção Novo”, da Amazon Prime Video, e voltará para a segunda leva de episódios.

Como Cartaxo, “A Hora da Estrela” passou um tempo longo quase esquecido, praticamente restrito a discussões acadêmicas.

Agora, porém, o filme ganha um sopro de vida, para citar outro romance de Lispector. Depois de um processo de restauração digital, que se estendeu de dezembro de 2023 a maio deste ano, “A Hora da Estrela” voltou a ocupar os cinemas nesta quinta.



Suzana Amaral e Marcélia Cartaxo no set de filmagens de ‘A Hora da Estrela’

Um encontro oportuno

ETAPAS DA RESTAURAÇÃO DIGITAL

BUSCA DAS MATRIZES EM PELÍCULA:

A partir de novembro de 2023, as equipes ligadas ao projeto saíram em busca dos negativos originais de imagem e de som e das cópias de exibição. Boa parte do material foi encontrada na Cinemateca Brasileira (SP) e outra parte estava no acervo do Centro Técnico Audiovisual (RJ). Todo esse material foi levado para o laboratório.

ANÁLISE TÉCNICA E ESCANEAMENTO:

Em março de 2024, com negativos e cópias nas mãos, a análise física dos materiais foi feita, e os técnicos, sob a coordenação de Débora Butruce, deram início ao escaneamento. Em linhas gerais, as películas passaram por um scanner, cujo sensor captou as imagens e o som, transformando-os num arquivo digital em 4K (resolução de cerca de 4.000 pixels, classificada como de alta definição; quanto mais pixels, mais nítida é a imagem). Nesse momento do trabalho, após cuidadosos testes de escaneamento, Butruce concluiu que os negativos de imagem e de som de 1985 obtiveram resultados superiores, tanto em relação à resolução, quanto em relação à integridade das cores e do som. Por conta disso, esses materiais mais antigos foram escolhidos como fonte para a restauração.

LIMPEZA: O passo seguinte foi o tratamento digital, por meio de softwares e plugins específicos. Para a imagem, foram dois tipos de limpeza. A primeira, automática, removeu a maior parte dos pontos de sujeira, dos riscos e outros tipos de degradação. Para o som, foi feita limpeza para redução de ruídos e chiados. Depois, teve início a limpeza mais detalhada e fina da imagem, feita quadro a quadro, realizada pelos técnicos do laboratório.

CORREÇÃO DE COR: Etapa também realizada em um software específico para essa finalidade e feita cena a cena. “A gente pegou todas as referências possíveis de cor para poder se aproximar o máximo possível do filme como ele foi lançado em 1985”, explica Butruce.

CONCLUSÃO: Em 6 de maio de 2024, feitos todos os ajustes finais, o trabalho foi concluído. A partir daí, a versão restaurada de “A Hora da Estrela” estava pronta para ser exibida nas telas de cinema. Os materiais em película foram devolvidos pelo laboratório para a Cinemateca e o CTA, e acrescidos dos arquivos digitais resultantes, tanto os de preservação, quanto os de exibição.

O longa de Suzana integra o projeto Sessão Vitrine Petrobras, que tem se notabilizado por levar às salas destaques da produção brasileira recente. Nesta edição do projeto, além desses novos longas, dois filmes de décadas passadas, ambos dirigidos por mulheres, foram recuperados para exibição nos cinemas.

“Durval Discos”, filme de 2002 de Anna Muylaert, foi digitalizado e relançado em novembro passado. “A Hora da Estrela” passou por uma restauração digital, um processo que, grosso modo, envolve mais pesquisas e cuidados nos ajustes.

Ambos os trabalhos foram feitos no laboratório da Mapa Filmes/Link Digital, no Rio, sob a coordenação técnica de Débora Butruce, presidente da Associação Brasileira de Preservação Audiovisual.

Envolvida com essa atividade há mais de 20 anos, Butruce trabalhou na recuperação de obras de diretores como Joaquim Pedro de Andrade e Jorge Bodanzky. Destacou-se principalmente ao coordenar a restauração de “Rainha Diaba”, filme de 1974 dirigido por Antônio Carlos Fontoura.

Essa iniciativa, responsável por dar vida nova ao clássico protagonizado por Milton Gonçalves, foi considerada um dos dez melhores trabalhos de restauração de 2023 pela revista americana Film Comment.

“Existe uma mudança de mentalidade em curso. As pessoas começam a entender a preservação como parte da cadeia do audiovisual”, diz ela.

Graças ao olhar e à técnica de Butruce, o cinema reencontra agora pelo menos três grandes mulheres da cultura brasileira: Clarice Lispector, Suzana Amaral e Marcélia Cartaxo.

Um certo olhar de um ex-desistente

Prestes a largar o cinema, Xavier Dolan assume o júri da mostra Un Certain Regard em Cannes



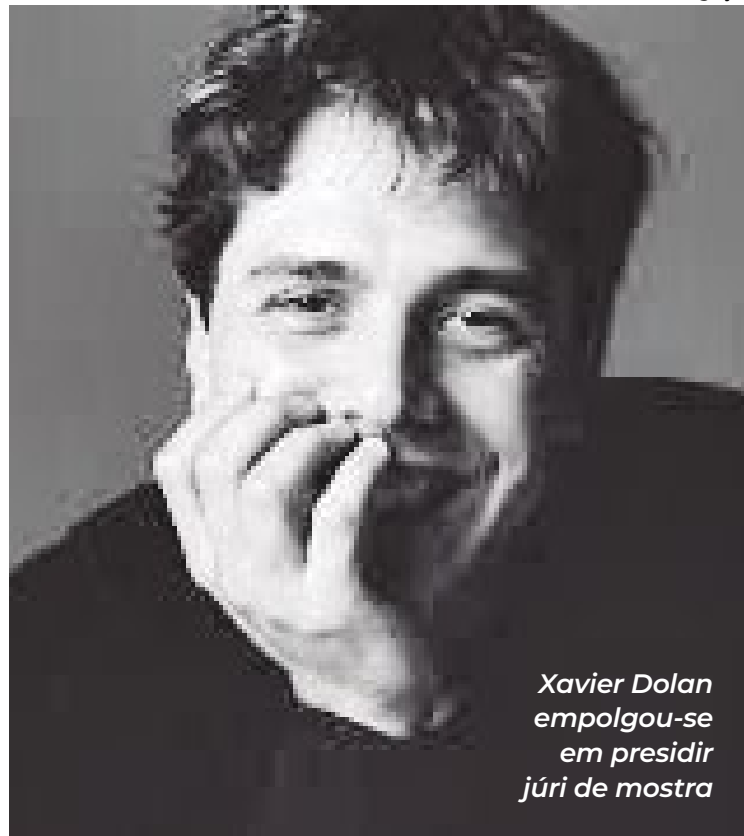
Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Xavier Dolan estava a um passo de largar tudo e deixar para trás uma obra que ganhou notoriedade com “Eu Matei Minha Mãe” (2009), realizado quando tinha 20 anos. Foi o estresse gerado por sucateamentos

estéticos das salas de exibição no circuito na indústria audiovisual, com pouco espaço para filmes de autor como seu “The Death and Life of John F. Donovan” (2018), nunca lançado no Brasil.

Era hora de parar de filmar segundo o alarme que soava em seu coração. Contudo, o chamado para presidir o júri da mostra Un Certain Regard de Cannes pode adiar seus planos. Fora que o canadense de 35 anos acaba de dirigir uma série, “The Night Logan Woke Up”.

“Sou movido pela paixão. O cinema me deu uma consciência de que o desejo pode ser revolucionário”, disse o diretor e ator, que



Divulgação

Xavier Dolan empolgou-se em presidir júri de mostra

ganhou o Grande Prêmio do Júri de Cannes em 2016 por “Até o Fim do Mundo”. “A razão de filmar é buscar histórias que narrem a renovação de almas que anseiam por poesia no seu dia a dia, quebrando ordem moral vigente”.

Xavier filma em francês, na maioria dos títulos que roda. Conversou com o Correio da Manhã em Paris, antes de sua ida a Cannes, quando foi indicado ao troféu César como melhor ator coadjuvante por “Ilusões Perdidas” (2021). “Sigo atuando para buscar um sentido nas identidades de cada personagem. É um exercício de autocrítica”, disse Xavier, que despontou aos olhos da crítica com “Amores Imaginários”, exibido em 2010 na mesma Un Certain Regard que ele avalia agora.

Este ano, a maratona carrega alguns dos filmes mais exuberantes de Cannes, como “On Becoming a Guinea Fowl”, de Rungano Nyoni, um produção da Zâmbia sobre o impacto de um enterro na vida de uma família. Outro longa que se destaca é “The Shameless”, do búlgaro Konstantin Bojanov, sobre o amor entre duas garotas de programa.

ENTREVISTA / AGNÈS JAOUÏ, CINEASTA

Rodrigo Fonseca

‘Liberdade é tudo’

Xará da boneca mais famosa do mundo, Barbie, protagonista de “Ma Vie Ma Gueule”, é uma mulher à beira de um ataque de solidão no longa-metragem que abriu as alas da Quinzena de Cineastas 2024 reafirmando o carisma de Agnès Jaoui. Aos 59 anos, a atriz e cineasta indicada ao Oscar por “O Gosto dos Outros” (2000) volta às telas de sua França natal estrelando uma trama centrada em desconexões afetivas do dia a dia. Ela já teve peças encenadas em terras cariocas e já foi laureada na Croisette no passado: seu “Questão de Imagem” (2004) ganhou o prêmio de melhor roteiro no evento. Na entrevista a seguir, ela fala ao Correio da Manhã sobre os atuais projetos que tem com o Brasil.

De que maneira “Ma Vie Ma Gueule” aborda a solidão das mulheres?

Agnès Jaoui: O ponto aqui é

a dificuldade que essa mulher que eu interpreto tem de se conectar com a vida. Ela passa por problemas psicológicos e anda em des-



conexão com o mundo.

Sua personagem exige de você muitas cenas silenciosas.

De que maneira você faz do silêncio uma ferramenta?

Isso vai muito da aposta que a Sophie (Fillières, a diretora) faz no plano longo, sem cortes. Não tinha improvisação.

Como você avalia o lugar de um filme como este... e o seu lugar... no cinema francês?

Meu papel neste filme é o mais livre possível. Liberdade é tudo. Levo isso em conta na minha relação com o cinema, que passa por exprimir opiniões de personagens das mais diferentes. Quando eu comecei, o cinema francês passava por uma fase difícil, numa época de deserção de seu público. Os órfãos da Nouvelle Vague não queriam mais saber do que fazíamos. Não havia um novo Alain Delon. Só que a gente seguiu tentando, em parte pelo fato de haver um subsídio

para estimular a produção. Gosto do lugar que eu ocupo hoje.

O Brasil já te acolheu algumas vezes.

Pois é, eu acabo de filmar lá. Rodei um longa chamado “O Crime do Músico” em Santa Catarina. É a história de um jovem, filho de agricultor, que se apaixona por flauta e passa a experimentar uma realidade diferente daquela que veio. Eu faço uma especialista em ópera. Tenho mais uma ligação com o Brasil por vir: vou gravar uma faixa de um disco cantando com Chico Buarque.

Além desse disco, o que mais você tem para lançar?

Estou me preparando para dirigir um novo filme. Escrevi um roteiro para vários personagens - como sempre. Estou ainda preparando um livro. (R.F.)

CORREIO CULTURAL

Um Coppola
sem medo

Divulgação



Felipe Neto diz que livro sai após as eleições

Felipe Neto prepara livro sobre jornada do ódio nas redes

O influenciador e empresário Felipe Neto anunciou por meio das redes sociais que vai lançar este ano um livro pela Companhia das Letras. Segundo o próprio youtuber, o livro se trata da jornada do ódio, tanto o que se espalhou pelo Brasil durante as eleições presidenciais e “chegou à presidência, destruiu e matou centenas de milhares

de pessoas e tentou me perseguir e arruinar minha imagem”, quanto o ódio interno que todos podem sentir. A ideia da obra é mostrar como enfrentar e vencer esse mal, revelando segredos e bastidores do que ele chama de “guerra midiática que quase ninguém soube”, além das experiências pelas quais passou.

Faturamento

No ar desde janeiro o remake de “Renascer” chegou ao capítulo 100 na última quinta-feira (16) fazendo história em termos comerciais na emissora: 80 entregas comerciais de dez marcas de segmentos diversos da economia brasileira.

Aquela mãozinha

O SBT vai lançar no sábado (25) um programa para alavancar as vendas da Jequití Cosméticos, empresa do Grupo Silvio Santos. Chamada de Live Show de Ofertas, a atração terá o comando de Celso Portioli e das irmãs Rebeca e Patricia Abravanel.

Faturamento II

Uma ação especial da Netflix no Mais Você (Globo) de sexta-feira (17) chamou a atenção dos telespectadores. Ana Maria Braga e Louro Mané promoveram a estreia da terceira temporada de “Bridgerton”. A operação custou cerca de R\$ 560 mil.

Agenda cheia

Bruno Mars anunciou três novas datas para sua turnê no Brasil. Ele vai se apresentar em Curitiba nos dias 31 de outubro e 1º de novembro e em Belo Horizonte no dia 5 de novembro. O artista também vai se apresentar em São Paulo, Rio e Brasília.



Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Entre todos os concorrentes do 77º Festival de Cannes, o título que mais chamava atenção e mobilizava apostas é uma produção idealizada há quase quatro décadas, cujo diretor, hoje com 85 anos, tem duas Palmas de Ouro no currículo: Francis Ford Coppola. O tal longa: “Megalópolis”. Enfim, a expectativa foi aplacada, mas com sabor de controvérsia. É um exercício autoral de risco absoluto, mas que beira a extravagância, resvalando no excesso e até na caricatura. Mas sua dimensão poética é inegável. A música de Osvaldo Golijov é um dos raros pontos em que o filme não gera dissonância de opiniões, assim como a atuação de Giancarlo Esposito no papel do prefeito de uma Nova York apresentada como Nova Roma.

Depois do fenômeno “Oppenheimer”, que faturou US\$ 972 milhões e conquistou sete Oscars, a indústria do audiovisual anseia por um longa voltado para plateias adultas, com temática de tons polêmicos, que possa faturar muito e alcançar prestígio. Há duas semanas, quando as primeiras imagens do experimento de Coppola foram divulgadas, sua superprodução passou a ser encarada como esse potencial sucesso pelo qual Hollywood tanto anseia. Porém, depois de Cannes as certezas não são unânimes. Há quem define a película como um tropeço e há quem veja nela um poema com absoluta liber-

Divulgação



‘Megalópolis’ marca a volta de Francis Ford Coppola, um outsider de grife milionária, em grande estilo

dade narrativa. Mas ninguém fala em obra-prima.

Nos EUA, os estúdios não se mobilizaram para apoiar o diretor de ‘O Poderoso Chefão’ (1972) em seu projeto quase faraônico, cerca de US\$ 120 milhões e bancados do seu próprio bolso, com o dinheiro de sua vinícola. Inicialmente, Paul Newman (1925-2008) seria seu protagonista. Depois, falou-se em Kevin Spacey. Acabou que o papel principal ficou com Adam Driver.

No teaser divulgado pela American Zoetrope, a produtora de Coppola, o personagem de Driver caminha sobre o teto de uma construção nababesca e observa os céus de sua cidade até que, prestes a cair, ele consegue parar o tempo com uma palavra de ordem, estalando o dedo para que tudo volte a funcionar. O tal personagem é Cesar Catilina, um arquiteto Prêmio Nobel, definido como cientista com poderes especiais cujo sonho é construir um mundo utópico. Toda a trama faz referência explícita ao Império Romano.

Cesar é uma figura controversa, com um histórico afetivo traçoeiro que inventou uma substância, o Megalon, para salvar sua mulher da morte. É com esse elemento que ele almeja criar uma NY perfeita, apesar de o alcaide do local, Cícero (Esposito), discordar de seus atos. A peleja deles é narrada com experimentação e imagens documentais. Num dado momento da projeção de Cannes, uma pessoa subiu no palco e se dirigiu à tela. É um exercício do chamado “cinema ao vivo”. A pessoa simulava ser um entrevistador que se dirigia a Cesar, na tela, numa conversa tridimensional, como se fosse em tempo real.

Idealizada por Coppola em 1977, esboçada como projeto em 1983 e retomada em 2019, a trama de “Megalópolis” conta com um elenco de peso, que reúne Dustin Hoffman, Jon Voight, Aubrey Plaza, Nathalie Emmanuel, Shia LaBeouf e Talia Shire (irmã do cineasta). As filmagens aconteceram em 2022 e 2023.

“Jesus, Os Últimos Instantes”, texto inédito de Moacyr Góes, está em cartaz, sob sua direção, no Teatro Vannucci, na Gávea. Com o ator Augusto Garcia no papel do personagem tão importante e extraordinário tanto na seara da fé, quanto da cultura do mundo, o solo se passa nos instantes finais da crucificação - quando Jesus está só, clamando por uma palavra do Pai e sentindo-se abandonado. Nesse instante, sofrido e acochado por dores lancinantes, ele relembra sua vida, sua passagem, sua mãe, os apóstolos e sua missão, o Plano de Deus.

Para escrever o texto, Moacyr se valeu de extensa pesquisa, em colaboração com o professor André Chevitarese sobre o que dizem as escrituras acerca da vida de Jesus Cristo, e o que a História comprova do Jesus histórico, o camponês pobre nascido em Nazaré.

“O que me motivou a escrever a peça foi minha paixão pelo tema da fé e a cristandade. Como impactam e definem a vida da gente. Nesse estudo foi inevitável me debruçar sobre Jesus, o centro daquilo que conhecemos como Ocidente”, pondera Góes.

“As pessoas podem crer ou podem não crer em Cristo - ainda bem. Mas não podemos ignorar o extraordinário valor da mensagem inaugural sobre o amor e a igualdade entre os homens. Em um tempo de tanto desamor, intolerância e violência, o que verdadeiramente significam as palavras e os exemplos do Nazareno são uma esperança. Todo meu trabalho no teatro foi e é uma investigação sobre o humano, o que nos define, o que nos move. De um tempo pra cá tive necessidade de estudar isso, saber do que trata profundamente a fé. Às vezes acho que faço teatro para entender e me aproximar de coisas. A fé me inquieta, é isso, acho”, explica Moacyr.

Estar em cena como essa figura mundialmente conhecida é de grande responsabilidade, mas Augusto Garcia não titubeou ao receber o convite. “Quando ele me convidou, apenas obedeci. Moacyr é um grande diretor de teatro, em quem confio plenamente. Sua inteligência diferenciada, somada a um intenso grau de sensibilidade e uma extraordinária compreensão do ofício teatral, faz com que seja um dos maiores diretores de teatro do Brasil. A experiência de interpretar um grande personagem é sempre gratificante e desafiadora. Jesus possui uma verdadeira



Para construir seu personagem, Augusto Garcia necessitou de um preparo amplo que envolveu um trabalho meticuloso de corpo e voz

A figura que moldou o Ocidente

Em seu novo espetáculo, Moacyr de Góes reflete sobre a mitologia e a história em torno da personalidade de Jesus

trajetória do herói. Trata-se de um desafio diário que me exige uma auto exposição impiedosa”, considera Augusto.

Para construir seu personagem, Augusto Garcia necessitou de um preparo amplo. “A preparação envolveu um trabalho meticuloso de corpo e voz. Cada gesto introduzido possui um determina-

do significado, bem como a intenção de cada fala. Realizamos ainda um estudo profundo sobre os dados históricos difundido acerca da trajetória de Jesus, buscando apresentar um perfil compatível com os estudos mais avançados sobre o tema. Chegamos aos ensaios completamente amparados por bases sólidas de com-

preensão do texto, onde a criação artística se deu de forma espontânea”, sintetiza o ator.

A montagem chega aos palcos poucos meses depois de Moacyr ter dirigido o também inédito “Moria”, seu último texto teatral e o pontapé de sua trilogia “O Mistério da Fé”. Naquela trama, duas iranianas refugiadas na Grécia se encontravam secretamente de madrugada para ensaiar uma peça sobre os apóstolos Paulo e Tiago. “A relação com ‘Moria’ se limita a ser uma peça sobre o que significam fé e cristandade para nós. Digo que é uma obra de arte porque não se pretende evangelizar, este não é o papel da arte. O público pode esperar uma peça emocionante, sobre um personagem arrebatador, com uma história extraordinária. E uma atuação do Augusto Garcia primorosa”, finaliza Moacyr.

SERVIÇO

JESUS, OS ÚLTIMOS INSTANTES
Teatro Vannucci (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52)
Até 26/5, às sextas e sábados (21h) e domingos (20h)
Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

MORA NA FILOSOFIA

ALDO TAVARES
PROFESSOR-MESTRE EM FILOSOFIA

Papo com Marquês de Sade

Presença VIP no espetáculo profano de Madonna, o Marquês de Sade introduziu muitos obstáculos para ser entrevistado. Mas, após tanta insistência, concedeu uma entrevista à beira da piscina do Copacabana Palace, um dia depois de Madonna deixar o Rio de Janeiro. Só impôs uma só condição: publicar a entrevista depois de seu retorno à França, que foi ontem. Em uma cidade que fica aos pés do Cristo Redentor, Sade falou sobre o conceito de pornografia e riu muito quando perguntei a respeito do amor. Encontrar pessoas é encontrar palavras.

Gostou do show da Madonna?

Evidente que sim, todos os desejos sexuais, acima da moral cristã, estavam presentes.

Veio ao Rio só para assistir ao show?

Não, eu vim também para expor um curso sobre pornografia, chamado Filosofia na Alcova.

Esse nome é o nome de um dos seus livros.

Isso mesmo.

O que será pensado nele?

Falo no curso que a pornografia tem finalidade política, no sentido original de que a palavra “política” significa “o que é comum a todos”.

O que é, por meio da pornografia, “comum a todos”?

A destruição do sentimento romântico, ou seja, para que você não fique fragilizado com o amor, a pornografia nos ensina, com muito prazer, que o outro deve ser dominado e, para isso, você precisa, primeiro, de autodomínio.

O que você quer dizer com autodomínio?

Quero dizer que você não pode ser dominado pelo amor romântico, e a pornografia, para isso, racionaliza a prática

sexual, exerce domínio sobre o prazer, sobre o sentimento pelo outro. Para o pensamento pornográfico, todo objeto deve ser possuído, isso pertence à natureza pornográfica, possuir com a razão, ou seja, a prática sexual é racionalizada para dominar. É como escrevo em “Filosofia na Alcova”: no amor, só há de bom o físico e conservemo-lo apenas quando nos serve.

O amor não é sagrado?

(Sade apenas riu).

Repito: o amor não é sagrado?

O processo de dessacralização da vida cada vez mais se aprofunda, e isso com ajuda também da pornografia.

Dessacralizar não significa violentar?

Sim, mas o sagrado também não exerce sua violência contra lésbicas, trans, homoafetivos?

Há religiosos que colocam a vida acima de ser trans, de ser lésbica.

Você tem razão, assim como Jesus colocou o pecado de Madalena acima da lei judaica, que era apedrejar a adúltera, mas Jesus questionou a lei e salvou Madalena. O sagrado, portanto, salva a vida.

A **escrevivência** na prática

Audálio Dantas

Professora e linguista Conceição Evaristo situa ‘Quarto de Despejo’, de Carolina Maria de Jesus, como um exemplo vivo do conceito por ela criado

Por Leandra Lima

Cotidiano significa aquilo que é diário, ou algo habitual do ser humano, coisas que estão presentes na vivência de cada um durante dias corriqueiros. Para uns, essas situações passam despercebidas. Mas, para certas pessoas, essas constâncias inspiram, como fez Carolina Maria de Jesus (1914-1977), escritora que retratava em sua obra traços fieis à oralidade de seu cotidiano.

Carolina era uma mulher negra, que viveu parte de sua vida na favela do Canindé, às margens do Rio Tietê, em São Paulo. Para ela a escrita era uma forma de expressar aquilo que gostaria de falar a um confidente, narrava os dias com detalhes, destacava como era viver numa comunidade, falava de política, fome e outros assuntos que permeiam a sociedade atual - o recorte de um Brasil desigual.

Um dos livros mais famosos da autora é justamente seu primeiro: “Quarto de Despejo - o Diário de Uma Favelada”. Nele relata sua vivência, utilizando termos e palavras que faziam parte da realidade onde estava inserida, respeitando a forma que se fala. “Ela vai na feira, cata cabeça de peixe, tudo que pode aproveitar. Come qualquer coisa. Tem estomago de cimento armado (...) As vezes eu ligo o radio e danço



Escrita de Carolina não foi aceita, por não estar na norma culta

com as crianças, simulamos uma luta de boxe. Hoje comprei marmelada para eles. Assim que dei um pedaço a cada um percebi que eles me dirigiam um olhar terno”, escreve a autora em seu mais famoso livro, lançado em 1960 e traduzido para 13 idiomas desde então.

As obras de Carolina tiveram uma resistência para serem aceitas e reconhecidas por academias literárias, mesmo sendo reconhecidas internacionalmente. Hoje seu trabalho é objeto de estudo em universidades e fóruns que debatem as formas linguísticas dispostas na escrita.

Para a escritora e linguista, Conceição Evaristo, Carolina teve dificuldade em ter a obra aceita pela linguagem usada. “Precisamos parar de entender o diferente como erro. A diferença sempre foi a marca do erro, mas na linguagem, não pode ter isso, as pessoas são múltiplas. Carolina tem outra dicção. A maneira como um médico fala não é a mesma que um lavador de carros; a forma que um engenheiro

escreve, não é a mesma de um sambista. Isso é a riqueza da linguagem, é diversidade”.

Conceição prega respeito à palavra dita, pois é uma forma de resistência e de manutenção da singularidade dos indivíduos. “A norma culta não é a única. Existem diferenciações, as pessoas são múltiplas e possuem vivências diferentes. A palavra dita é o corpo presente, o jeito que se fala carrega memórias e histórias. A riqueza da linguagem é marcada pela oralidade”.

Com essa expressão de fala vem o termo criado por Conceição Evaristo, conhecido como escrevivência, uma conexão das palavras escrever e vivência. Que se encaixa de forma indireta com a forma de escrita de Carolina. “Eu penso a escrevivência num sentido coletivo, quando trouxe esse termo, já apresentei como ‘A Nossa escrevivência’ pensando justamente na escrevivência de outras mulheres negras, que hoje escrevem suas próprias histórias. A escrevivência carrega essa potencialidade de ser uma narrativa que explicita não só a voz do sujeito narrador, mas sim as vozes de todas nós”, disse, Conceição.

Por dentro do mercado editorial

Por **Cláudia Chaves**

Especial para o Correio da Manhã

Feira é sempre uma coisa boa. É variedade, mistura, de tudo um pouco, montes de tentações. Resistir quem há de? As feiras, como muita gente, vêm de longe. Há registros de feiras nas antigas civilizações grega, fenícia, romana e árabe. Na Europa, a origem das feiras está associada a festas religiosas. Nesses dias, os produtores aproveitando o dia de festa, levavam os produtos de suas aldeias para trocar com os vizinhos.

Agora a festa é dos livros, dos autores, das formas atuais de se ter acesso à literatura. Se a escolha é do suporte, a vida só melhora.

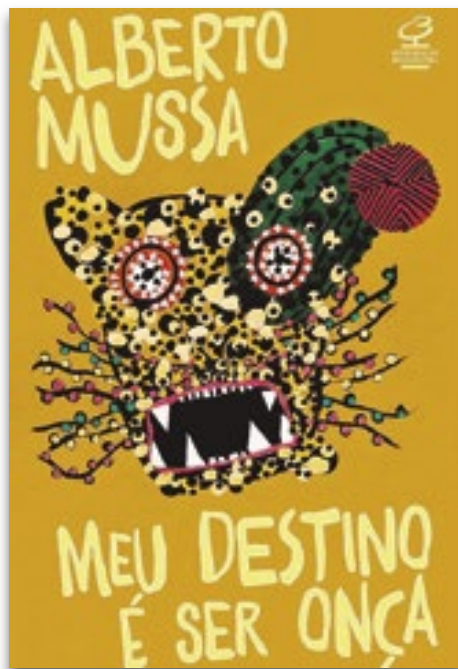
A primeira edição da ExpoLivro ocupa a Casa de Inovação da PUC-Rio, a partir desta segunda-feira (20) até quinta-feira (23), com workshops, debates, lançamentos e cases do mercado editorial, sobre temas relevantes para o mercado, que vão desde Inteligência Artificial, até o Carnaval.

O evento oferece atividades gratuitas ministradas por representantes e autores de editoras, como o Grupo Editorial Record, Editora PUC-Rio, Editora Vozes, UBU Editora, EdiPUCRS, Edições Loyola e Numa Editora.

“A ExpoLivro PUC-Rio será um novo ponto de encontro do mercado editorial na cidade. O objetivo é expor as novidades do mercado para o público universitário e aproximar a comunidade acadêmica de livros, autores e editoras. Esta é apenas a primeira edição da ExpoLivro. Nosso objetivo é que entre para o calendário anual de eventos culturais da cidade a partir de 2025, ano em que o Rio será a ‘capital mundial do livro da UNESCO’, afirma Felipe Gomberg, diretor da Editora PUC.

Nesta terça (21), o Grupo Editorial Record promove o Papo Editorial “Meu Destino é Ser Onça: desdobramentos de uma história”, com a editora Livia Vianna, o autor Alberto Mussa e o carnavalesco da Grande Rio, Leonardo Bora. “Conversar com Leonardo é a se-

ExpoLivro reúne editores e autores até quinta na Casa de Inovação da PUC



gurança de uma troca inteligente de ideias, de criatividade e de bom humor”, celebra Mussa, que dá continuidade à programação com uma sessão de autógrafos do livro que inspirou o enredo da Grande Rio neste ano.

O workshop “O audiolivro”, ministrado pela Coordenadora de Audiolivros do Grupo Sextante, Sílvia Leitão Monteiro, abre as atividades no dia 22. Serão exploradas as oportunidades comerciais de audiolivros no Brasil, além da relevância deste formato para a inclusão de pessoas com deficiência. “É importante que os editores ofereçam todos os formatos possíveis quando lançarem um novo livro, incluindo impresso, ebook e audiolivro”, explica Sílvia.

No fechamento do evento, haverá uma sessão de autógrafos com Camila Leporace, autora de “Algoritmosfera – A cognição hu-



Alberto Mussa, autor de ‘Meu Destino é Ser Onça’, participa de mesa redonda com editora Livia Vianna e o carnavalesco da Grande Rio, Leonardo Bora

mana e a inteligência artificial” (Hucitec Editora/ Editora PUC-Rio), que será lançado no mesmo dia.

“Chamo de Algoritmosfera o grande ambiente online algorítmico no qual todos nós estamos inseridos quando nos conectamos à internet”, afirma Camila. Em 2023, no processo de edição final da obra, o Chat GPT tornou tangível o poder da IA generativa. Assim, o livro conta com diversas inserções feitas no calor dos debates que tomaram conta da mídia com a popularização da IA generativa. “Acredito que a compreensão da maneira como seres humanos percebem o mundo e

agem nele é muito frutífera para buscarmos maneiras mais saudáveis de lidar com a novas tecnologias. É preciso que as pessoas entendam o poder humano num momento em que tanto se fala do poder das máquinas”.

A ExpoLivro ocorrerá no mesmo período da Reunião Anual da ABEU (Associação Brasileira de Editoras Universitárias), em que a Editora PUC-Rio será a anfitriã. No campus da universidade, estarão presentes editores e o corpo técnico de mais de 70 editoras de instituições de ensino superior brasileiras.

SERVIÇO EXPOLIVRO

Casa de Inovação da PUC-Rio (Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea)
De 20 a 23/5 | Inscrições: <https://linktr.ee/expolivropucRio>

CRÍTICA / RESTAURANTES / CHANCHADA, POLVO BAR E LA VILLA

Um roteiro por Botafogo

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Existem perguntas de um milhão de dólares. Mas existe uma de bilhões. Onde comer no Dia das mães? Resolvemos juntar todos os gostos, vontades e prazeres em um só movimento. Éramos três, cada um escolheu uma parte do percurso. Mãe escolheu o drinque; João o principal e Chico a sobremesa. Assim, começamos cedo pelo Chanchada para as batidas; ao vizinho Polvo Bar e depois ao próximo La Villa.

O bar de Edu Araújo e Jonas

Aisengart, do Quartinho Bar e do Pope Ipanema, se juntaram a Vinicius Bordalo (sócio no Pope), Bruno Katz (consultor dos pratos) e Rodrigo Vasconcellos para ter uma casa de boa comida, bebida gelada. Abrimos os serviços com batidas de coco queimado e tamarindo, no excelente tamanho de um copo americano. Ainda comemos o coração de pato no ponto da casa, croquete de costela e pastel de queijo com milho, que Chico me tirou a vez. Porque ser mãe é sofrer no paraíso.

Ao lado, o Polvo Bar, comandado por Monique Gabiatti, sergipana com alma carioca.



La Villa

Os filhos foram de cerveja, mas mamãe é louca por drinques. Mar Vermelho, releitura do

Divulgação



Chanchada

Tomás Rangel/Divulgação



Polvo Bar

Blood Mary com redução de ostras é extraordinário, temperado, apimentadinho e refres-

cante. Hot Pulpo, pão de leite, tentáculo de polvo, gremolata (raspas de limão, salsa e alho) e maionese de missô e batata frita. Um achado. Sempre Monique torna superior o comum. O caranguejo desfiado com farofa de milho, categoria melhor. A carne desfiada, úmida, temperada, com coentro suficiente e a farofa crocante na medida.

Andamos por Botafogo, até o La Villa para comer sobremesas. Grégoire Fortat e esposa atravessaram o Atlântico e os doces são os mesmos que se encontram nas melhores confeitarias. Gulosos, além do creme brûlée - creme de leite, ovos, açúcar e baunilha, com uma crosta de açúcar queimado com um aguardente por um maçarico, pedimos a seleção café gourmand com mini sobremesas. Final perfeito para um domingo de sol, céu azul e que transforma todo dia em Dia das Mães, dos filhos e de quem se ama.

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Aldo Barranco/Divulgação



A realeza dos crustáceos

O Chef Léo Guida trouxe para o Amana, novo prato da categoria espetacular, a sua marca. A Centolla, ou king crab, os caranguejos gigantes encontrados nas águas profundas e geladas, acompanha o tonarelli, massa longa fabricada na casa com farinha e ovos orgânicos. A carne delicada, quase doce, da centolla é processada ao ponto de polpa cremosa para misturar perfeitamente a profundidade de sabor umami do pecorino romano e grana padano, criando uma untuosidade extremamente agradável na boca. A centolla é rara, pois não existe em águas brasileiras.

Costela Premiada

Uma excelente ideia quando consegue bons padrinhos acaba premiada. Chef Charles Chiapetti (ex-Porcão Rios) criou uma costela para ser vendida em latas (embalagem de alumínio a vácuo) Os investidores Fernando e Isabella Fernandes, pai e filha, abraçaram a proposta e lançaram a Costelata em janeiro. Com validade de seis meses, a iguaria vem no sabor churrasco para microondas, airfyer ou forno. A novidade já ganhou o Selo Arte, certificação para produtos que seguem padrões de qualidade e segurança alimentar.

Divulgação



Divulgação



Jantar harmonizado

O Lareira Original promove nesta quinta (23), às 20h, jantar harmonizado com opções de seu menu e vinhos escolhidos pelo sommelier Luiz Barros: espumante da Serra Gaúcha e dois tintos chilenos. O drumet de frango recheado com provolone e bacon servido com maionese com tempero especial, tem a companhia do espumante Faces Brut, da premiada Vinícola Lídio Carraro; para o Bolinho Delação de carne de porco desfiada é a vez do Lorna Negra Rosé; e o Bife Ancho ao alho frito é escoltado pelo tinto Luiz Felipe Edwards. O grand finale é a versão casa do Romeu e Julieta.